

# As preocupações com a educação

13 NOV 1995

Luiz Estevão

*"Não consigo entender essa revolução, pois há toda uma História da Educação, com trilhas já abertas. É só dedicar-se, e, com cautela, ir fazendo inovações"*  
(Gildo Willadino, ex-conselheiro de Educação do DF)

Há um ano, Brasília vivia o calor de uma disputadíssima corrida eleitoral de segundo turno. Um dos candidatos convenceu milhares de pessoas a votarem no seu nome com promessas de dar prioridade um à educação, de valorizarmos professores, de melhorar o nível de ensino, de investir mais na construção de escolas e, principalmente, com o programa bolsa-educação, que garantiria um salário mínimo por mês para cada família carente, com filho matriculado na rede pública do Distrito Federal.

O tempo passou e professores, pais e alunos puderam constatar que o belo discurso dos programas de tevê ficou para trás, esquecido em alguma gaveta do Palácio do Buri-ti. Hoje, ainda que enormes despesas com publicidade tentem encobrir a verdade, sabe-se que o GDF abdicou de suas supostas prioridades e prefere gastar com outras coisas — jantons de marajás, diárias, viagens, superfaturamentos... A educação deixou de ser a preocupação número um.

Os números, e principalmente as ações, falam por si. Na primeira oportunidade que teve de elaborar seu orçamento anual, o GDF mandou às favas as promessas: reduziu a fatia reservada à educação no bolo orçamentário de 23,76% (em 1995) para 22,49% no próximo ano. Pior, no tão decantado orçamento democrático e popular, inclusive o participativo, só estão previstas obras de 39 novas unidades de ensino. E, mesmo assim,

com verbas que só são suficientes para iniciar as obras, jamais para concluí-las no exercício de 1996.

Diz a propaganda oficial que o GDF constrói uma sala de aula por dia útil. Mentira. Em entrevista à CBN, o secretário-adjunto de Educação já desmentiu esse número. Até 18 de outubro, foram 136 salas para 197 dias úteis, já que as outras 64 foram iniciadas no governo passado. Além disso, no ano passado o ritmo de entrega de novas salas era maior. De todo o modo, se continuar nesse passo de tartaruga, o GDF ter-

têm motivos particulares para descrever da prioridade um. Os professores porque agora precisam se mobilizar a cada três meses para negociar as mais elementares reivindicações salariais. Ficam os 500 mil alunos expostos à ameaça de greve. O governo, por pouco, não consegue a proeza de reduzir, por um erro crasso de redação e matemática, as gratificações de dedicação exclusiva de 55% para 49%.

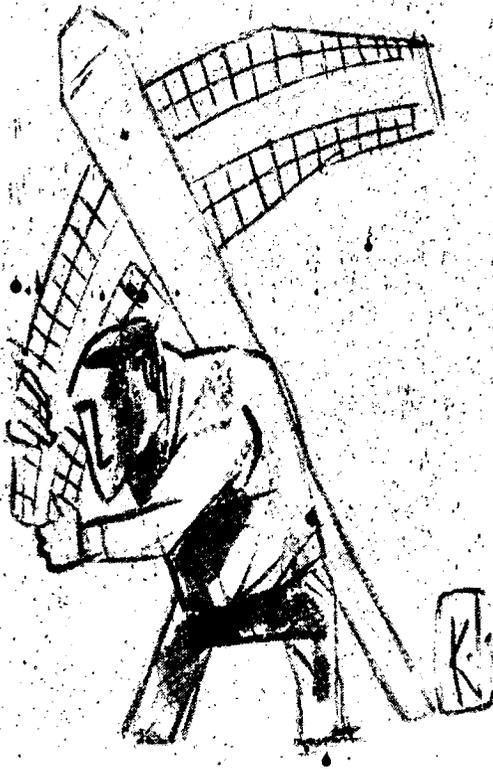
O supremo calote, todavia, ficou mesmo com a bolsa-escola. O ambicioso projeto, carro-chefe da cantilena eleitoral, virou uma maria-fu-

maça que não anda na velocidade prometida. A saudável intenção de combater a evasão escolar e a repetência, da qual compartilho, esbarra na incompetência, na burocracia e na falta de vontade para fazer o que se disse. Passados dez meses, só atende a seis mil das 60 mil famílias carentes. E, para 1996, o GDF só destinou R\$ 22,8 milhões para o programa, suficientes apenas para contemplar 19 mil famílias.

A anunciada revolução na educação que o novo governo pretendia deflagrar continua apenas nas imagens cuidadosamente produzidas pelos propagandistas contratados a peso de ouro. De visível, só um resultado: a saída, após 29 anos ininterruptos de contribuição inestimável ao Distrito Federal, do professor Gildo Willadino do Conselho de Educação do DF. Deixou o colegiado, agastado com a falta de propostas e o excesso de política, com um ensinamento lapidar:

*"Não consigo entender essa revolução, pois há toda uma História da Educação, com trilhas já abertas. É só dedicar-se, e, com cautela, ir fazendo inovações."*

**Luiz Estevão é deputado distrital e líder do PMDB na Câmara Legislativa**



minará o presente mandato deixando 30 mil alunos sem ter onde estudar.

As duas pontas do processo educativo sofrem com esse descaso em relação aos investimentos, mas ambas